

# ANÁLISE DE TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DE PESQUISA INSTRUÍDA PELA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO- HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Maria Lúcia de Almeida Melo - PUCSP

## RESUMO

O trabalho objetiva apresentar e discutir a teoria da interpretação de Paul Ricoeur, a partir de uma preocupação metodológica e com uma finalidade didática. Mais especificamente, propõe-se a explicitar como a tensão objetividade/subjectividade ou compreensão/explicação, pressuposta na teoria da interpretação de Ricoeur, manifesta-se concretamente em pesquisa qualitativa, previamente realizada, instruída por essa abordagem teórico-metodológica. Após breve apresentação das linhas mestras de pesquisa selecionada, procede-se à exposição da teoria da interpretação formulada por Ricoeur, intercalando essa exposição com a explicitação das operações metodológicas empregadas na pesquisa em exame. Conclui-se que, de acordo com a teoria da interpretação proposta por Ricoeur, a dialética objetividade/subjectividade ou compreensão/explicação está presente do começo ao fim do processo de pesquisa e o reconhecimento dessa tensão, permanentemente atuante, é o que define a especificidade da hermenêutica de Ricoeur e torna sua abordagem teórico-metodológica viabilizadora da construção de um conhecimento qualitativo, subjetivamente significativo e objetivamente rigoroso.

**Palavras-chave:** teoria da interpretação, Paul Ricoeur, pesquisa qualitativa

## ABSTRACT

This paper aims to present and discuss the interpretation theory of Paul Ricoeur, from a methodological concern and with a didactic purpose. More specifically, its proposed to explain how the tension objectivity / subjectivity or understanding / explanation, presupposed in the theory of interpretation of Ricoeur, manifests itself concretely in qualitative research conducted previously, instructed by this theoretical and methodological approach. After a brief presentation of the main lines of selected research, proceeds to the exposition of the theory of interpretation formulated by Ricoeur, interspersing this with explicit exposure of the operations employed in methodological research review. We conclude that, according to the theory of interpretation proposed by Ricoeur, dialectics objectivity / subjectivity or understanding / explanation is present throughout the research process and the recognition of this tension, permanently active, is what defines the specificity of Ricoeur hermeneutics and makes its theoretical and methodological approach enabler of constructing a qualitative knowledge, subjectively meaningful and objectively accurate.

**Keywords:** theory of interpretation, Paul Ricoeur, qualitative research

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir a teoria da interpretação de Paul Ricoeur a partir de uma preocupação predominantemente metodológica, de modo a favorecer a iniciação de pesquisadores na abordagem teórico-metodológica desse autor. O que significa, na prática, fazer pesquisa orientada pelos pressupostos e conceitos básicos oriundos da abordagem fenomenológica e hermenêutica de Ricoeur? Ou, mais especificamente: como a tensão objetividade/subjetividade ou compreensão/explicação, postulada na teoria da interpretação proposta por Ricoeur, manifesta-se concretamente numa investigação científica?

Tomarei, para fins de análise, a pesquisa realizada por Vitória Elena C. Espósito, formulada inicialmente como tese de doutorado (1991) e publicada (parcialmente) mais tarde com o título “*A escola - um enfoque fenomenológico*”(1993).

Espósito baseia-se em duas vertentes do pensamento fenomenológico. Inicialmente, no empenho de explicitar sua interrogação, reflete sobre a instituição escola, ancorada em seu próprio mundo-vida e na ontologia existencial de Heidegger (capítulo I). Em seguida, apresenta sua pesquisa, desenvolvida na modalidade qualitativa, apoiada do ponto de vista metodológico na Fenomenologia de Husserl, re-visitada por Heidegger e na perspectiva desenvolvida por Paul Ricoeur (capítulo II). É sobre a influência desta última perspectiva em sua pesquisa que recairá minha análise.

A escolha desta pesquisa tem uma razão histórica - o trabalho de Espósito foi o primeiro, realizado entre nós, reconhecidamente representativo da orientação fenomenológico-hermenêutica de Ricoeur – e uma motivação pessoal – uma espécie de desafio de entendimento metodológico que lancei a mim mesma.

Não se trata, no entanto, de uma iniciativa totalmente inédita. Maria Aparecida Viggiani Bicudo (2000, p.86-92) apresentou previamente uma análise dos procedimentos empregados na pesquisa de Espósito e de outros, procurando traçar o empenho, realizado por diversos pesquisadores, em conquistar um rigor metodológico crescente em investigações de orientação fenomenológico-hermenêutica. Minha análise, no entanto, tem outra finalidade, conforme acima indicado, e percorre um outro caminho.

Parto de uma breve explicitação das linhas mestras da pesquisa de Espósito (1993) e, paulatinamente, vou intercalando a síntese de minha leitura do livro de Ricoeur “*Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significado*” (1987) com a explicitação da trajetória metodológica da pesquisa publicada em “*A Escola*”, ancorada em outras obras do próprio autor (1977a; 1977b; 1978; 1988) e em alguns estudiosos de sua hermenêutica (BICUDO, 1991; COSTA, 1995; FRANCO, 1995; NALLI, 2006). Por fim, exponho resumidamente os principais movimentos da abordagem fenomenológico-hermenêutica de Ricoeur, tal como por mim apreendidos a partir da análise da pesquisa de Espósito, e reflito sobre a especificidade e a contribuição dessa abordagem teórico-metodológica à pesquisa qualitativa.

## A PESQUISA

Para acompanhar a análise da pesquisa de Espósito, é aconselhável uma leitura prévia, ou paralela, de seu livro “*A Escola*”. Caso isto seja momentaneamente inviável, espero que as informações que apresento no corpo deste texto possam situar o leitor no modo como essa investigação foi desenvolvida. Dada a intenção didática deste artigo, em notas de fim do texto, explico o significado de alguns conceitos fenomenológicos e/ou hermenêuticos indispensáveis ao melhor entendimento da análise empreendida.

O quadro abaixo resume as linhas mestras da pesquisa de Espósito.

*Título do livro:* *A Escola: um enfoque fenomenológico*, 1993.

*Interrogação*<sup>1</sup>: “Mas, afinal, o que é isto, a escola?” (p.29)

*Pergunta feita aos sujeitos da pesquisa:* “Como se mostra, para você, a escola?”

*Fenômeno*<sup>2</sup> investigado: a percepção da “instituição escola”, enquanto construção sócio-cultural, antropológica e humana, para os educadores (p.42);

*Modalidade de pesquisa:* qualitativa, fenomenológico-hermenêutica (p.43).

*Região de inquérito*<sup>3</sup>: sujeitos situados na 2ª Delegacia de Ensino de Sto. André (no Estado de São Paulo), onde a pesquisadora atuava como Supervisora de Ensino (1988/1989) (p.42).

*Sujeitos:* 38 educadores – Professores, Diretores e Assistentes de Escola, representantes da Equipe de Supervisão de Ensino de Santo André -, responsáveis pelo trabalho desenvolvido na 2ª Delegacia de Ensino de Santo André/SP (1988/1989) (p.42).

*Material empírico:* 38 descrições ou discurso dos educadores sobre a própria experiência vivida (“discursos da ação”)<sup>4</sup> na Escola, tanto docente como administrativa, mais especificamente, os *universos simbólicos*<sup>5</sup> articuladores desses discursos (p.42).

*Objetivo:* perceber fenômenos enquanto essências na existência (p.29).

*Procedimento de coleta:* descrições escritas dos sujeitos da pesquisa sobre a escola;

Examinemos, agora, o que pensa Ricoeur a respeito da interpretação.

## A TEORIA DA INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR

A teoria da interpretação proposta por Ricoeur é uma via de acesso ao enigma da compreensão e abarca três teorias – do discurso, do texto e da leitura do texto - que se influenciam mutuamente e interagem dialeticamente (Fig.1).

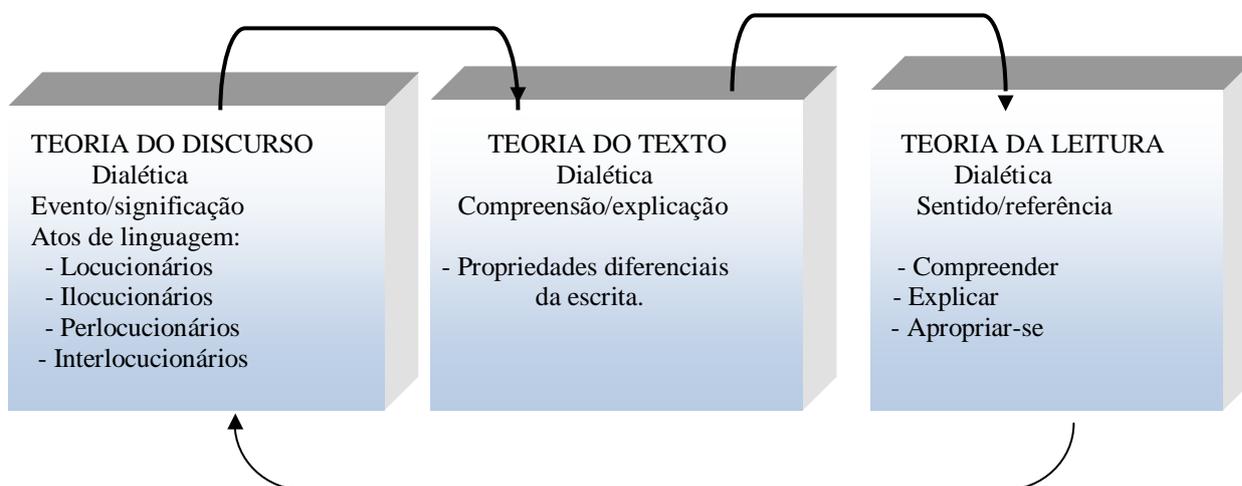


Fig. 1 - TEORIA DA INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR

Desenvolverei minha exposição a partir da explicitação da “Teoria da Leitura”, pois esta pressupõe as anteriores, o que nos permite melhor compreender o sentido de interpretação e de “Círculo Hermenêutico”, proposto por Ricoeur.

### A) COMPREENSÃO COMO PRIMEIRA CONJECTURA

Num primeiro momento, compreender um texto significa apreender o seu sentido enquanto totalidade, ou, nas palavras do Ricoeur, há compreensão quando "apreendemos como um todo a cadeia de sentidos parciais num único ato de síntese (1987, p.84). Trata-se nesse momento de uma “conjectura” (suposição) que se faz sobre o sentido do texto como um todo ou o “discurso como obra” - "composição, pertença a um gênero e estilo individual" - e seus sentido segundos, metafórico e simbólico.

A noção de obra de discurso é de fundamental importância para se entender o questionamento feito por Ricoeur à oposição entre "compreender" e "explicar".

As categorias de composição, pertença (ou pertencimento) a um gênero e estilo individual, que caracterizam o discurso como obra, "são categorias da produção e do trabalho"(1977b, p.49). Assim sendo, compreender uma obra de discurso implica em compreendê-la enquanto expressão de uma realização e portadora de um projeto.

Isto requer que o texto seja elaborado como uma conjectura, quer em termos de sua arquitetura - "[...] no reconhecimento das partes está implicada a pressuposição de uma espécie

de todo. E, reciprocamente, é construindo os pormenores que construímos o todo" (1987, p.88-89), quer em termos de sua construção enquanto uma totalidade singular: o gênero a que pertence e o estilo que o concretiza.

Todavia, é principalmente pelo caráter de organização e estrutura de uma obra, isto é, por sua composição (também uma conjectura), que se abre uma possibilidade nova para a hermenêutica: fazer da explicação o caminho para a compreensão e fazer-se, enquanto explicação, por intermédio da compreensão. Diz Ricoeur: "A hermenêutica [...] permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas este discurso não se dá alhures: ele se verifica nas estruturas das obras e por elas" (1977b, p.52).

Além disso, os textos são portadores de sentidos metafóricos e simbólicos que precisam ser compreendidos e integrados na "conjectura" que visa apreender o sentido geral da obra.

Ricoeur esclarece-nos que a metáfora é uma estrutura verbal de duplo sentido ao passo que o símbolo é uma estrutura de duplo sentido, verbal e não-verbal. A linguagem simbólica, uma vez que se radica na Vida, radica-se em áreas da experiência humana abertas a diferentes métodos de investigação. O cósmico, o onírico e a imaginação poética constituem-se, para Ricoeur, como as zonas de emergência dos símbolos. Porém, é na linguagem que os símbolos se revelam. Diz o autor: "Não há simbólico antes do homem que fala, mesmo que o poder do símbolo se enraíze mais abaixo, na proximidade do cosmos, no querer dizer do desejo, na variedade imaginativa dos sujeitos" (1977a, p.24). Assim, compreender um texto implica em apreender seu sentido semântico e não-semântico, porém também este último sentido só é passível de compreensão por intermédio da interpretação da linguagem.

Ricoeur entende a linguagem como discurso, quer este se realize oralmente, por intermédio da fala, quer se materialize como escrita, na forma de texto. Para ele, o discurso contém uma estrutura que lhe é própria, o que o torna adequado à investigação científica. Para melhor entendermos sua teoria da linguagem como discurso, faz-se necessário esclarecermos a dialética entre evento e sentido presente na estrutura do discurso (teoria do discurso) e a dialética entre sentido e referência presente na estrutura do texto (teoria do texto).

## **A DIALÉTICA ENTRE EVENTO/SENTIDO E ENTRE SENTIDO/REFERÊNCIA**

Segundo Ricoeur, a linguagem entendida como discurso é, por um lado, um *evento*, na medida em que é realizado temporalmente no presente, por alguém, sobre algo e para alguém. Dir-se-ia tratar-se de um fenômeno transitório e evanescente, que mais se aproximaria da noção de "parole" por oposição à "langue", segundo distinção estabelecida por Ferdinand Saussure, e de grande repercussão no interior da Linguística. Porém, Ricoeur considera que o discurso enquanto evento é também *significação*. Neste sentido, ele adota a teoria do "Speech-Act" formulada por J.L.Austin e desenvolvida por Searle<sup>6</sup>.

Segundo esta teoria, o sujeito pratica, no exercício da linguagem, três atos fundamentais: os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários.

Os *atos locucionários* correspondem ao ato mesmo de dizer, isto é, à articulação, combinação e organização de sons segundo regras gramaticais de modo a fazer referência a algo, tornando-o conhecido. Os *atos ilocucionários* correspondem aos atos que o sujeito executa pelo próprio ato de falar. Fazem algo, quando são ditos. São portadores de forças distintivas (constituem-se quer como promessas, ordens, desejos ou asserções). Os *atos perlocucionários* são aqueles que produzem efeitos ao serem ditos. Excedem sua própria realização, produzindo efeitos no ouvinte.

Ainda num outro sentido, para Ricoeur, o discurso, enquanto evento, é também *significação*.

O discurso é sempre dirigido para alguém. É comunicação (*ato interlocucionário*). Diz Ricoeur: "Asserir alguma coisa é esperar acordo tal como dar uma ordem é esperar obediência. Mesmo o solilóquio - o discurso solitário - é um diálogo consigo mesmo [...]" (1977b, p. 26-27). Assim, o discurso como evento e *significação* ganha uma outra dimensão, que é incorporada à teoria do discurso proposta pelo autor: a dimensão da troca, do diálogo.

Portanto, segundo Ricoeur, no discurso há que se considerar a *significação da enunciação*, ou seu conteúdo proposicional ou ato locucionário, que corresponde ao lado "objetivo" do significado do discurso, e o *significado do locutor*, que corresponde ao lado "subjetivo" da significação, que se revela mediante a auto-referência da frase, a dimensão ilocucionário do ato linguístico e a intenção de reconhecimento pelo ouvinte (dimensão perlocucionária da linguagem).

Porém, o lado objetivo do discurso inclui não apenas um *sentido* ("o quê do discurso") mas também uma *referência* ("acerca do quê" do discurso).

Por referência o autor entende o uso que "o locutor faz quando aplica suas palavras à realidade" (1987, p. 32). A linguagem passa, assim, na medida em que se refere ao mundo, a transcender-se a si mesma.

No caso do discurso oral, as referências do discurso realizam-se mediante indicadores ostensivos (gestos, expressões, ou pelo próprio discurso, via demonstrativos, advérbios, etc.) e descrições definidas na situação interlocucionária (o aqui e agora); dependem, portanto, da situação percebida pelos membros do diálogo, são referências situacionais.

No caso do discurso escrito, face a ausência de uma situação comum entre locutor e leitor, ao cancelamento do aqui e agora da situação de diálogo e a autonomia semântica do texto cria-se um hiato entre a "identificação" e a "mostração", ou seja, a linguagem perde seu caráter referencial ostensivo, definido pelo contexto situacional. Diz Ricoeur: "Graças à escrita, o homem e só o homem tem um mundo e não apenas uma situação" (1987, p.47).

Explicitemos, agora, os procedimentos empreendidos por Espósito para compreender o discurso dos sujeitos de sua pesquisa instruída pela hermenêutica de Ricoeur. Voltemos ao trabalho de Vitória.

1ª etapa – Dimensão descritiva/analítica compreensiva (p.53-72)

- Leitura de todos os protocolos;
- Leitura de cada protocolo com vistas à sua descrição. Notem que a preocupação da autora é com a busca de sentido e não com o registro de fatos;
- Suspensão das próprias crenças, preconceitos e explicações (*epoché*, segundo Husserl), deixando que o fenômeno se mostre;
- Análise e explicitação dos textos: 1ª conjectura
  - Via *redução fenomenológica*<sup>7</sup>
  - *Análise conceitual* (ou categorial)<sup>8</sup>
  - *Análise proposicional* (dos enunciados)<sup>9</sup>, a autora destaca e descreve, com as próprias palavras, *as unidades de sentido*<sup>10</sup> identificadas no discurso de cada professor (explicita os *símbolos*<sup>11</sup> nele presentes) e dispõe essas unidades na forma de asserções.
  - Constroi uma síntese articulada de cada discurso com as palavras da pesquisadora, finalizando, assim, a *análise idiográfica*<sup>12</sup>.
  - Realiza, em seguida, a *análise nomotética*<sup>13</sup> dos discursos, agrupando as unidades de sentido em "*categorias abertas*"<sup>14</sup> que são, então, descritas (p.65-71) e explicita as "*idiosincrasias*"<sup>15</sup> encontradas (p.71).
  - Finaliza esta etapa descritiva/compreensiva da pesquisa, com a apresentação de um "Quadro Ilustrativo" das convergências encontradas nos discursos dos sujeitos (p.72).

## B) EXPLICAÇÃO COMO VALIDAÇÃO

A compreensão de um texto deve dar lugar à sua explicação ou validação, diz-nos Ricoeur. Esta, por sua vez, realiza-se por intermédio de uma disciplina argumentativa mediante a qual a interpretação a que se chegou deve se impor, não apenas como provável, mas como a mais provável à luz dos conhecimentos que se tem disponíveis. Ricoeur considera que nas ciências humanas e sociais não se trata de demonstrar que uma determinada conclusão é verdadeira, como impõe a lógica da verificação empírica empregada nas ciências naturais, mas

se trata de demonstrar que uma conclusão é válida, legítima. Trata-se de um modo de validação que se assemelha aos procedimentos jurídicos usados na interpretação legal ou nas investigações de cunho histórico. Deste modo, explicar um texto significa desdobrar o âmbito das proposições e significados apreendidos na etapa compreensiva de sua leitura (análise estrutural) e proceder a um confronto reflexivo entre interpretações rivais .

E como Espósito explica os discursos de seus sujeitos?

*2ª etapa – Dimensão Explicativa: o caráter propriamente discursivo<sup>16</sup> dos discurso: a análise fenomenológico-hermenêutica.*

- Constrói uma “rede de significados”<sup>17</sup>, a saber: a) *Distanciamento, Alienação, Ambiguidade, Fragmentação, Espacialidade, Posição, Temporalidade e Mudança;* b) *Integração, Finalidade, Idealizações, Falência, Necessidade e Visão Política*, a partir das “categorias abertas” previamente formuladas e descritas, interligando-as de modo a evidenciar a força e a fragilidade da escola, ou seja, a forma de ser da escola (p.73-98).
- Explícita, então, o não-dito no texto. Assume um novo papel na investigação: o de atribuir significados a seus achados (compreende, interpreta, faz opções e se expressa), a fim de refletir sobre as categorias anunciadas. Para isto, utiliza-se do léxico para esclarecer o significado das categorias elencadas, bem como dos autores com os quais dialoga (Heidegger, Hanna Arendt, Ricoeur e outros...) (p.73-98).
- Termina o capítulo explicando o sentido de alguns discursos idiossincráticos e considerando que esses discursos podem ser contemplados em investigações futuras (p.98-99).

Resta ainda esclarecer como as dialéticas evento/significação e sentido/referência preparam o movimento de passagem da explicação para a nova compreensão, requerido pela teoria da leitura ou teoria da interpretação proposta por Ricoeur.

### **C. INTERPRETAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO (2º nível de compreensão, interpretação no sentido pleno da palavra)**

Assumindo a dialética do sentido e da referência, conforme previamente descrita, a ultrapassagem da explicação para uma nova possibilidade de compreensão realiza-se mediante a apreensão das proposições de mundo descortinadas pelas referências não ostensivas do texto. Amplia-se, assim, mais uma vez o significado atribuído pelo autor à noção de compreensão. Compreender um texto significa, portanto, não apenas explicitar o seu sentido como um todo (sua estrutura), mas também desvendar as suas referências, ou seja, o projeto de mundo que nele se descortina. Diz Ricoeur: “O sentido de um texto não está por trás do texto, mas à sua frente. Não é algo oculto, mas algo de descoberto. [...] Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que ele fala” (1987, p. 99).

Por fim, interpretar um texto significa ainda compreender-se diante do texto, ou seja, viver a experiência de distanciamento que o texto impõe, e a de apropriação que ele permite. Contudo, não quer dizer compreender a obra mais do que o seu próprio autor, nem significa reconstituir o texto tendo em conta os seus endereçados originais, nem confundir o “querer para compreender” com a mera projeção de nossos conceitos prévios.

De um texto importa apropriar-se do seu sentido e do seu poder referencial, isto é, do poder de desvelar um mundo, um modo possível de olhar para as coisas. Porém tal apropriação só é possível via o processo de compreensão pela distância e na distância.

Distância imposta pela escrita; distância imposta pela obra; distância imposta pelo mundo da obra ou por suas referências não ostensivas.É por tudo isto que Ricoeur afirma: “compreender é *compreender-se diante do texto*”. E mais: “Só me encontro como leitor, perdendo-me” (1977b, p.58).

É neste sentido que o processo de conhecimento realizado pelo homem sobre as suas obras constitui-se como um processo de autoconhecimento.

Vejamos, abaixo, como Espósito concretiza este momento do processos de interpretação em sua pesquisa.

*3ª etapa – 2º nível compreensivo, apropriação ou interpretação propriamente dita.*

- Consiste em pensar as sínteses elaboradas previamente, a partir dos discursos explicitados, inserindo-as em considerações de ordem filosófica mais ampla, que permite pensar os modos humanos de se situar no mundo (enquanto corporiedade, espacialidade, temporalidade, segundo Merleau-Ponty), permite pensar o conhecimento de modo não-empirista nem racionalista, mas fenomenológico, e pensar o ser humano como um ser que pode ou não escolher “habitar”<sup>18</sup> o mundo, segundo Heidegger (p.101-110).
- Finalmente, a autora apresenta uma síntese do caminho percorrido, organizada em tópicos que permitem realçar pontos (onto e epistemológicos) relevantes do trabalho realizado. Trata-se de uma espécie de reflexão sobre a própria reflexão. Nesta etapa, a autora apoia-se em Arendt, Merleau-Ponty, Heidegger e Joel Martins (p.113-116).

### III. SÍNTESE E NOVAS REFLEXÕES

Em resumo, assim Espósito interpreta os discurso de seus sujeitos, instruída pelo pensamento de Ricoeur:

1º) Compreende, quando descreve as unidades de sentido; quando apreende cada discurso num único ato de síntese. Note-se, no entanto, que já nesse momento a autora realiza o que Ricoeur chama de explicação, ou seja, desdobra os múltiplos significados dos termos empregados nos discurso de seus sujeitos, de modo a poder melhor compreendê-los. Além disso, compreende, ainda, quando organiza e formula as unidades de significado reveladas nos discursos em “categorias abertas” e quando apresenta as convergências encontradas nos discursos em “Quadro Ilustrativo”, o que nos permite melhor compreender a estrutura do fenômeno descrito.

2º) Explica, quando desdobra os significados das categorias abertas, apelando para o léxico e para diferentes teorias/autores (conflito de interpretações) e articula essas categorias entre si de modo a conferir-lhe um novo sentido;

3º) Apropria-se ou interpreta, no sentido pleno da palavras (compreensão de 2º nível), quando desvela o projeto de mundo (o ser da escola) descortinado nos discursos previamente descritos e explicitados e reflete sobre sua própria reflexão, ocasião em que transcende o próprio discurso.

Como se vê, Fenomenologia e a Hermenêutica são realizações, não apenas complementares, mas intimamente imbricadas.

Desde o primeiro momento da pesquisa o pesquisador interpreta, no sentido ricoeuriano ou dialético do termo. Na compreensão já há explicação e por meio da explicação é possível aceder a um nível superior de compreensão, ou seja, chegar-se à apropriação, ou à interpretação no sentido pleno da palavra, isto é, a uma produção de sentido resultante da superação das antinomias objetividade/subjetividade ou compreensão/explicação.

O processo de conhecimento, tal como concebido segundo a perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Ricoeur, envolve necessariamente e em todos os níveis um movimento no sentido de apreensão do objeto (“polo objetivo”) e um movimento no sentido da construção desse objeto por parte do pesquisador (“polo subjetivo”). Assim, uma investigação instruída por essa hermenêutica não finaliza ao desvelar a estrutura da experiência dos sujeitos investigados. Distintamente, a estrutura da experiência em exame, uma vez identificada, é tomada como uma “conjectura”, sujeita à “validação” ou “invalidação” mediante o confronto com outras teorias relativas ao fenômeno em estudo. Creio que este procedimento se, por um lado, é revelador de um processo de construção realizado pelo investigador (“polo subjetivo” do círculo hermenêutico) é também revelador de seu empenho no sentido de apreensão do fenômeno, em níveis cada vez mais apurados e objetivos (“polo objetivo” do círculo

hermenêutico). Em última instância, o que caracteriza a abordagem fenomenológico-hermenêutica de Ricoeur é a noção mesma de compreensão tomada no sentido da dialética compreensão/explicação/compreensão. Admitido isto, é preciso concluir que, diferentemente do que se pode julgar pelas aparências, *é a aceitação radical da interpretação que nos assegura maior objetividade, no processos de conhecimento.*

A análise da pesquisa de Espósito permite-nos ainda entender que, desde o início, a dialética do evento e da significação está em jogo, o que corresponde a dizer que, em diferentes níveis ( inclusive na linguagem falada) está em jogo a dialética da compreensão/explicação. “Explicamos alguma coisa a alguém para que ele possa compreender e o que ele compreendeu pode, por sua vez, explicá-lo a um terceiro. Assim, a compreensão e a explicação tendem a sobrepor-se e a transitar uma para outra” (RICOEUR, 1987, p. 84).

Por fim, a pesquisa fenomenológica instruída pelo pensamento hermenêutico de Ricoeur assume a consciência como tarefa e a leitura/interpretação do discurso humano converte-se em aventura de autoconhecimento e, conseqüentemente, em construção do próprio ser humano.

Por tudo isso, a teoria da interpretação proposta por Ricoeur despertou em mim uma profunda admiração: por seu rigor de leitura, riqueza reflexiva, capacidade de implicação pessoal, bem como por seu permanente reconhecimento e valorização do outro (autores, teorias, disciplinas), no processo de conhecimento. Considero que estas características que impregnam a obra de Ricoeur correspondem, igualmente, às características indispensáveis à construção de conhecimento qualitativo *de qualidade*, isto é, pautado na exigências de produção de conhecimento subjetivamente significativo e objetivamente rigoroso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICUDO, Maria Aparecida V. A hermenêutica e o trabalho do professor de Matemática. *Caderno da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos*. São Paulo. Vol. 3, No. 3, 1993.

BICUDO, Maria Aparecida V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

BICUDO, Maria Aparecida V. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

COSTA, Miguel Stadler Dias. *Sobre a teoria da interpretação, de Paul Ricoeur*. Porto, Portugal: Ed. Contraponto, 1995.

ESPÓSITO, Vitória H. C. *A escola: os processos institucionais e os universos simbólicos*. São Paulo, PUCSP, 1991. Tese de doutorado.

ESPÓSITO, Vitória H. C. *A Escola – um enfoque fenomenológico*. São Paulo: Escuta, 1993. –(Plethos).

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a Fenomenologia como suporte. In. BICUDO, Maria Aparecida; ESPOSITO, Vitória H. C. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.

FRANCO, Sérgio de G. *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995. – (Coleção filosofia; 35)

NALLI, Marcos. Paul Ricoeur leitor de Husserl. *Trans/Form/Ação*. Marília:SP, Vol. 29, no. 2, 2006.

RICOEUR, Paul (1965). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1977a.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e ideologias*. Org., trad. e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977b.

\_\_\_\_\_. (1969). *O Conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda., 1978.

\_\_\_\_\_ (1976). *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad.de Artur Morão, Lisboa: Ed.70, 1987.

\_\_\_\_\_ (1977). *O discurso da ação*. Trad. De Artur Morão, Lisboa: Ed. 70, 1988.

## NOTAS

<sup>1</sup>. INTERROGAÇÃO – A pesquisa fenomenológica inicia-se com uma *interrogação*, fruto de inquietações ou insatisfações captadas de modo pré-reflexivo pelo pesquisador e que são assumidas e legitimadas como desencadeadoras de um processo de pesquisa. Trata-se, em geral, de algo familiar e ao mesmo tempo desconhecido (Maria Inês FINI, Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a Fenomenologia como suporte. In. *Pesquisa Qualitativa em Educação*, p. 26-27)

<sup>2</sup>. FENÔMENO – “É o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência” (Maria Aparecida BICUDO, Sobre a Fenomenologia. In. *Pesquisa qualitativa em Educação*, p. 15).

<sup>3</sup>. REGIÃO DE INQUÉRITO – uma vez que essa modalidade de pesquisa visa investigar o mundo vida de sujeitos situados, esta *situacionalidade dos sujeitos* chama-se *Região de Inquérito*. No caso da pesquisa em exame, visa-se investigar o mundo vida dos sujeitos situados na 2ª Delegacia de Ensino. O termo *Região de Inquérito*, portanto, não se refere a áreas específicas de conhecimento – Psicologia, História, Educação etc. – como pode sugerir à primeira vista (ver Maria Inês FINI, Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a Fenomenologia como suporte. In. Maria Aparecida BICUDO e Vitória H. ESPÓSITO, *Pesquisa qualitativa em Educação*, p.28).

<sup>4</sup>. DISCURSOS DA AÇÃO – “discursos em que o homem diz o seu fazer” anterior a qualquer julgamento ético (Paul RICOEUR, *Teoria da interpretação*, p.11)

<sup>5</sup>. UNIVERSOS SIMBÓLICOS- “corpos de tradição teórica que integram áreas de significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica, fornecendo condições, pela legitimação destes, para que se dê a integração unificadora de processos institucionais separados” (Peter I. BERGER e P. LUCKMAN. *A construção social da realidade*, cit. Vitória ESPÓSITO, *A Escola*, p. 42).

<sup>6</sup>. A teoria do discurso formulada por Ricoeur tem origem em diversas fontes: na Linguística da frase (a semântica); na fenomenologia da significação das “Investigações Lógicas” de Husserl; e na análise linguística que caracteriza a descrição filosófica anglo-americana da ‘linguagem comum’ (Paul RICOEUR, *Teoria da interpretação*, p. 20).

<sup>7</sup>. REDUÇÃO – “propriedade que tem o espírito humano de, através de seus atos, perceber, intuir, imaginar, fantasiar, organizar, conseguindo transcender aquilo que o fenômeno aparente, aproximando-se do que lhe é essencial” (Vitória ESPÓSITO, *A Escola*, p. 46). Paul RICOEUR esclarece que a redução é o que define o nível propriamente fenomenológico de uma análise. “Não é uma subtração de realidade, como faz crer a metáfora do parêntese, mas uma mudança de signos que afeta toda a realidade, a qual de coisa – absoluta e em si – se torna sentido relativo e para mim. A redução põe fim ao viver natural e faz aparecer a *Erlebnis*, que já não é um viver – nem um reviver, mas o sentido da vida (*O discurso da ação*, p. 20)

<sup>8</sup>. ANÁLISE CONCEITUAL – “incide na estruturação de uma experiência e do sentido de uma experiência” (Paul RICOEUR, *O discurso da ação*, p. 22), ou seja, nas intenções e motivos. Realiza-se via “análise da linguagem ordinária, isto é, o que se diz de modo compreensivo para outrem o que se fez, o que leva a agir assim, como e com que meios se fez e com objetivo se fez” (Ibid., p.12).

<sup>9</sup>. ANÁLISE PROPOSICIONAL diz respeito a forma lógica dos enunciados acerca da ação (Ibid., p. 14).

<sup>10</sup>. UNIDADE DE SENTIDO (ou de SIGNIFICADO) – “são unidades da descrição ou do texto que fazem sentido para o pesquisador a partir da interrogação formulada” (Maria Aparecida BICUDO. *Fenomenologia: confrontos e avanços*, p.81).

<sup>11</sup>. SÍMBOLOS – Em *O conflito de interpretações*, obra originalmente de 1969, Ricoeur assim define esse termo: “Chamo símbolo toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro” (1978, p.15). Em *Teoria da interpretação*, obra publicada inicialmente em 1976, a noção de símbolo se amplia, finca raízes no corpo (“bios”), ou seja, adquire uma dupla dimensão linguística e pré-linguística.

<sup>12</sup>. ANÁLISE IDIOGRÁFICA – análise das estruturas individuais dos sujeitos da pesquisa.

<sup>13</sup>. ANÁLISE NOMOTÉTICA – análise das unidades invariantes de sentido, identificadas nos discursos e reveladoras da estrutura mais geral das experiências dos sujeitos da pesquisa.

---

<sup>14</sup>. CATEGORIAS ABERTAS – “são constructos que apresentam grandes convergências de “unidades de significado” já analisadas e interpretadas. Indicam os aspectos estruturantes do fenômeno investigado e abrem-se à metacompreensão considerando a interrogação, o percebido, o analisado, o diálogo estabelecido na intersubjetividade autor/sujeito/autores/região de inquérito” (Maria Aparecida BICUDO. *Fenomenologia: confrontos e avanços*, p.82)

<sup>15</sup>. IDIOSSINCRASIAS – representações simbólicas que emergem de discursos únicos.

<sup>16</sup>. ANÁLISE DISCURSIVA – corresponde ao refinamento das análises conceitual e proposicional prévias, o que permite fazer surgir as “principais articulações da própria experiência” (Vitória H. ESPÓSITO, *A Escola*, p. 45).

<sup>17</sup>. REDE DE SIGNIFICADOS – ...“entendida como interligações de categorias, mostrando o próprio tecido dos sentidos percebidos e dos significados atribuídos. Não indica ordem lógica, nem hierarquia de valores. Pode ser interpretada a partir de qualquer ponto, porém este nunca é isolado, mas parte constituinte da rede”. (Verilda KLUTH. “O que acontece no encontro Sujeito-Matemática”, 1997, apud. Maria Aparecida BICUDO. *Fenomenologia: confrontos e avanços*, p.79).

<sup>18</sup>. No sentido de construir a maneira pela qual somos na terra.

MARIA LÚCIA DE ALMEIDA MELO  
E-MAIL: lucmelo@attglobal.net